

A favela como lugar de produção cultural é um fenômeno resultante de ações e movimentos originados no interior das comunidades periféricas, criando formas de representação e mecanismos de intervenção na vida individual e social que reconfiguram a imagem de pobreza, violência e exclusão com a qual esse cenário tem sido comumente identificado. Não se trata unicamente de afrontar o sistema e denunciar as estratégias de dominação e manipulação do poder, mas de derrubar as barreiras que tornam invisíveis e operam a negação da cultura produzida pelos “excluídos sociais”, tanto mais quando se trata da atividade escrita e literária, tradicionalmente cingida ao universo letrado das elites. A intensa movimentação cultural gerada pela ação dos escritores da periferia - debates, saraus, mostras, oficinas, eventos e inúmeras atividades artísticas - afirma a favela como um “local da cultura”, e confere um sentido de performance ao texto, cujo modo de existência é marcado pela expressão de uma voz intimamente associada a uma atuação do sujeito na realidade. O texto não é o produto final da atividade criativa, mas um ato de intervenção e participação na vida da comunidade onde ele se produz e circula. Considerando essas práticas literárias como “modos de vida cotidianos” este trabalho propõe-se a refletir sobre a dimensão cultural da leitura e suas possíveis consequências no processo de formação de leitores na escola, tomando como matéria de análise a produção literária de Sérgio Vaz e seu papel de agente cultural à frente da Cooperifa – Cooperativa Cultural da Periferia. Considera-se uma concepção de leitura de base antropológica (CERTEAU, 2003) e sociológica (WILLIAMS, 1979), compreendida como um ato de interação com o mundo, no qual estão implicados diversos fatores de mediação, de ordem social, cultural e política, determinantes para o alcance e os efeitos de suas práticas tanto na escola como na sociedade, em sentido mais amplo.